



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARILÉIA DOS SANTOS

(Michael Jackson)

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-422

Entrevistada: Mariléia dos Santos (Michel Jackson)

Nascimento: 19/11/1963

Local da entrevista: Câmara Municipal de Vereadores de Pelotas

Entrevistadora: Pamela Siqueira Joras e Suellen Ramos

Data da entrevista: 31/05/2014

Transcrição: Jamile Mezzomo

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 33 minutos e 53 segundos

Páginas Digitadas:

Observações:

Entrevista produzida para o Programa Futebol e Mulheres desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futebol; Influência e incentivo da família; Primeira escolinha; Treinamento em uma escola para meninos; Escolinhas de futsal para meninas; Vínculos de amizade; Passagem pela equipe Camisa 10; Custos; Trajetória do Internacional; Auxílio Financeiro; Campeonatos; Rivalidade Gre-nal; Campeonato Brasileiro; A técnica das atletas mais velhas; Divulgação do Futebol Feminino; Estrutura oferecida pelo Internacional; Encerramento do time do Internacional; Trabalho na escolinha; Equipe da Duda; Organização dos campeonatos; Retorno da equipe do Internacional; Times que jogou futsal; Fase de transição do final da carreira de atleta.

Pelotas, 31 de maio de 2014. Entrevista com Mariléia dos Santos (Michael Jackson) a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Para começar a nossa entrevista eu gostaria que tu relatasses a primeira lembrança que tens do futebol feminino no Brasil?

M.J.– Foi quando foi formada a primeira seleção brasileira, que disputou um torneio feito pela FIFA na China, era um torneio experimental, em 1988 e a seleção brasileira conquistou o bronze.

P.J – E essa competição era em que nível? Nacional, mundial?

M.J. – Era um mundial, só que era experimental. Foi o primeiro que a FIFA fez e aí deu certo e a partir de 1991 ela fez a primeira Copa do Mundo que existe até hoje.

S.R. – E como foi o teu início no futebol?

M.J. – Eu sou de uma família de 11 irmãos, eu sou a caçula, meu pai foi profissional, meu irmão foi profissional, e eu nasci com meus irmãos todos jogando futebol, porque sempre gostaram e a única pessoa que não jogou na minha família foi minha mãe. Eu cresci no meio do futebol e sou a única das mulheres da minha família que teve uma carreira brilhante, eu sou uma atleta que conseguiu conquistar tudo que um atleta sonha no futebol. Consegui a minha independência financeira, consegui jogar fora do país, fui a primeira a sair do Brasil para jogar fora, joguei no Torino¹, da Itália. Disputei Copa do Mundo, disputei Olimpíada, eu sou uma pessoa realizada como atleta e agora como gestora e também pretendo atingir essa marca.

P.J – Tu tens lembrança do teu primeiro clube? Como tu chegaste ate ele?

M.J. – Meu primeiro clube foi o da minha cidade mesmo, eu sou de Valença, interior do Rio de Janeiro. Eu jogava no Santa Inácia, que era o nome do primeiro time que eu

¹ Torino FootBall Club, Equipe de futebol da Itália.

joguei futebol, eu tinha 15, 16 anos e depois eu passei por Monte D'Ouro² e fui para o Radar³ do Rio de Janeiro, e ali foi onde tudo aconteceu, porque eu cheguei no Radar e me tornei a Michael Jackson até então eu não era a Michael Jackson. Foi tudo a partir do Radar, porque o Luciano do Valle⁴ foi uma pessoa que nos anos 1980 todo final de semana transmitia jogo da minha equipe, todo o final de semana e ele falou: “Michael Jackson o brasileiro vive de futebol, o Michael Jackson cantor está fazendo sucesso com a música *Thriller*, que tal te colocar o apelido de Michael Jackson?” Eu achei que fosse uma brincadeira e falei: “Ah por mim, tudo bem!” O meu foco era a bola e o que acontecia ao redor dela eu não estava nem aí, aí eu que podia colocar. Em um jogo do final de semana ele sorteou um telefone para quem adivinhasse o meu nome ele falou assim: “Vai ganhar um telefone quem adivinhar o nome da Michael Jackson!” Ninguém ia saber, eu estava começando, foi uma época muito boa porque através do Radar, que foi uma equipe que jogou 234 partidas sem perder... Todos os campeonatos que disputava o Radar era campeão e eu era a artilheira e teve uma partida entre Radar e Cabo Frio em que eu fiz 16 gols. Realmente aconteceu muita coisa, o Luciano estava prevendo, ele falou assim: “Michael, você será a atleta do futuro.” E eu jogava porque eu gostava, se eu tivesse que escolher entre almoçar ou jogar futebol, eu ia jogar futebol, e tenho essa paixão até hoje, tanto que eu bato uma bolinha ainda [risos]. Eu parei de jogar profissionalmente, mas é aquilo que eu falo: “o futebol é dom.” As minhas irmãs queriam jogar também mas elas não sabiam tanto quanto eu, eu era a caçula então é uma coisa que o futebol foi minha vida porque tudo que eu tenho hoje foi conquistado através do futebol.

P.J. – E tu lembrás das tuas companheiras? Quem eram? Se elas continuaram jogando ou seguiram carreira no futebol?

M.J. – Sim, elas jogaram por alguns anos só, muitas delas não tiveram o mesmo êxito que eu, muitas pararam antes em função dessa dificuldade do futebol feminino, hoje eu tenho amigas que são motoristas de ônibus no Rio de Janeiro, são, garis, mas eu queria que elas tivessem conquistado aquilo que eu conquisei. Às vezes eu olho: “puxa vida! Essa menina defendeu a seleção brasileira e não conseguiu trilhar o mesmo caminho”.

² Monte D'Ouro Futebol Clube equipe de futebol de Valença.

³ Esporte Clube Radar.

⁴ Luciano do Valle Queirós, locutor esportivo.

É uma certa tristeza que eu tenho porque sei que elas também estavam lutando por um objetivo e jogavam porque gostavam, só que a vida prega algumas peças que a gente tem que aceitar.

P.J – O Radar foi base da seleção brasileira por muito tempo. Nesse torneio que tu comentaste que aconteceu em 1988 ele também foi a base para essa seleção?

M.J. – Não, foram apenas oito meninas [risos].

P.J. – E como foi esse convite para participar da seleção? Como aconteceu para vocês integrarem a seleção nessa época?

M.J. – Foi assim: o presidente do Radar, ele era um amante do futebol feminino, ele era apaixonado, era o Eurico Lira, e na época, ele ia sempre... Não era CBF⁵, era CND⁶, então ele foi e pediu: “Nós temos que fazer uma seleção, o Brasil precisa ter uma seleção de futebol feminino”. E de tanto ele falar, ele não saía de lá, ele conseguiu, e ele pegou oito meninas do Radar porque ele já conhecia e foi formando a primeira seleção, deu certo. Hoje, graças à Deus, nós temos a sub-20, a sub-17, a sub-15 e a seleção principal... Já evoluiu muito, eu tenho essa vontade de que o futebol feminino, ele precisa realmente virar realidade no nosso país e que as pessoas passem a respeitar, isso é o que nós queremos.

P.J. – E nesse mundial experimental, como foi a ida de vocês para lá? Quem custeou? Como era a competição lá na China?

M.J. – Era tudo bancado pelo CND, que hoje é a CBF. Eu só conhecia a China no mapa [risos] e falei: “Eu vou para a China”. Quando eu cheguei lá com a seleção que eu estava em terra firme, eu falei: “Nossa, eu estou na China, tudo é possível!” E então na minha cabeça eu falei: “Tudo que eu quiser daqui para frente, eu posso!” Mudou muito a minha forma de pensar as coisas que eu queria e, Graças à Deus, deu tudo certo.

⁵ Confederação Brasileira de Futebol

⁶ Conselho Nacional de Desportos.

P.J. – E tinham muitas equipes participando? Como era a relação de vocês com as outras seleções? Com as outras jogadoras?

M.J. – Era muito legal porque a gente não entendia o que elas falavam, a gente só sabia jogar futebol, imagina em 1988? Mas a nossa equipe tinha certeza de uma coisa: jogar bola a gente sabe, a gente joga em qualquer parte do mundo, então, os jogos eram maravilhosos porque foi provado que era possível, que a gente estava no caminho certo, que o Brasil sabia jogar futebol, e isso foi uma coisa, pra gente, que marcou o resto da vida e eu sempre lembro disso. Tenho muito orgulho porque eu sou uma das pioneiras, e tive esse prazer e orgulho de defender o meu país, jogando futebol, era a coisa mais linda, uma coisa que talvez eu não saiba nem explicar direito.

S.R. – Tu lembras quantas seleções tinham nessa ocasião?

M.J. – Olha, eu não tenho certeza, mas acho que foram doze.

S.R. – E quem foi campeã?

M.J. – Os Estados Unidos.

S.R. – E em segundo?

M.J. – Segundo, eu não sei, acho que foi a China. Eu sei que o Brasil foi terceiro e Noruega quarto.

P.J. – Tu te recordas se nessa competição tinha cobertura da mídia, por exemplo, televisão, jornal, alguma reportagem?

M.J. – *Imagina!* Mídia em 1988, não tinha nem seleção, foi a primeira a ser formada, imagina mídia.

P.J. – E no Brasil? Saiu alguma reportagem sobre vocês?

M.J. – Saíram algumas coisas nos jornais, mas em televisão eu não lembro.

S.R. – E a diferença de cobertura ou de exposição, desse campeonato de 1988 para o de 1991, que foi o oficial?

M.J. – Como o de 1988 foi experimental, ninguém fala! Eles só falam, só começam a contar o de 1991, mas em 1988 você teve a seleção brasileira com a medalha de bronze, fazendo o primeiro torneio feito pela FIFA.

S. R. – O de 1991, então foi o mais divulgado, foi mais noticiado?

M.J. – Sim, 1991 se concretizou o que a FIFA pensava do futebol feminino, e ela viu que podia dar certo e deu certo! Tanto deu certo, que tem Copa do Mundo até hoje.

S.R. – Quando tu iniciaste, quando tu jogavas, ao longo da tua carreira, como eram os campeonatos estaduais, os brasileiros?

M.J. – Eu acho que da minha época para hoje houve um retrocesso. No Rio de Janeiro o Campeonato Carioca era disputado por dezesseis equipes, hoje você tem quatro; aqui no Sul eu sou tricampeã gaúcha, joguei no Inter⁷. Então tinha Inter, tinha Grêmio⁸, tinham várias equipes, hoje também eu sei que foi reduzido. Também não entendi muito, o porquê. Talvez seja porque o futebol feminino ainda não seja realidade no nosso país. Esses anos que passaram, o futebol teve alguma evolução, mas não o suficiente para virar realidade.

S.R. – Como foi a tua passagem pelo Internacional de Porto Alegre? Fora os títulos.
[risos]

M.J. – Pra mim foi muito legal! Porque eu pude vir jogar no Rio Grande do Sul e o Inter me contratou quando ele jogou um amistoso... eu jogava em Curitiba, aí aconteceu um amistoso entre Inter e Curitiba, eles gostaram e falaram: “Vai disputar um campeonato com a gente”. E eu vim. E quando eu vim para o Sul, eu fui tricampeã gaúcha, aí eu falei: “Agora eu tenho que ir não posso deixar eles”. Eu dei sorte porque por onde eu

⁷ Sport Club Internacional

⁸ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

passei eu sempre deixei uma boa lembrança, se você procurar as pessoas que na época eram da diretoria do Inter, uma delas se chamava Rosa⁹, se você perguntar sobre a minha pessoa, ela vai falar com carinho, porque ela falava: “a Michael é uma estrela que todo mundo quer, é uma pessoa simples” como eu sou até hoje, não tenho capa e onde eu passei, graças a Deus, sempre deixei boas raízes.

S.R. – Te lembrás em que ano foi isso?

M.J. – Eu não tenho tanta certeza, mas acho que foi em 1984.

S.R. – 1984?

M. J. – Sim 1984, é 1983 ou 1984, foi logo no começo dos anos 80.

P.J. – Tu participou de Copa, de Olimpíada, como que foi participar dessas competições? O que vocês ouviam sobre Seleção Brasileira?

M.J. – É um sentimento que talvez a gente não consiga nem expressar, porque você defender o seu país, é uma coisa tão legal que não tem sentimento que explique. O meu país é o melhor de todos, e você chegar em uma Copa do Mundo que é a competição mais alta que existe no futebol e você está lá “poxa! eu estou aqui, e eu vou fazer o que eu sei, o que eu sei fazer de melhor que é jogar futebol”. Você imagina chegar em uma Olimpíada onde o futebol feminino foi incluso, que foi em 1996, o futebol feminino não existia nas Olimpíadas, e pela primeira vez eu estava lá, e ainda a abertura foi com o Michael Jackson cantando. [risos]. A minha carreira foi marcada por muitas coisas boas, são coisas que eu vou levar para sempre, e que hoje como Coordenadora Geral do Futebol Profissional do Ministério do Esporte eu quero trabalhar para que outras meninas consigam jogar futebol, porque elas gostam e para que o futebol seja reconhecido como ele merece, porque toda atleta do futebol feminino merece ser tratada com respeito, honestidade... E as pessoas que estão em cargos superiores tem obrigação de trabalhar para isso, porque eu sei o quanto isso é bom para as meninas que gostam de jogar futebol.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

P.J. – Tu comentou que sempre recebeu para jogar futebol e conseguiu independência financeira através do esporte. E hoje a realidade é um pouco diferente, como tu enxergas isso? De repente quando tu jogavas ter essa certa segurança como atleta e agora isso praticamente não existe.

M.J. – É simples, eu sempre recebi por aquilo que fiz. Desde quando eu saí da casa da minha mãe para ir jogar em uma equipe, eu sempre tive salário. E eles falam: “O futebol feminino é amador”. A partir do momento que você é remunerada, ele não é mais amador, ele é profissional. Então, não adianta você falar essa parte é amador, essa parte é profissional... Não, o futebol feminino para mim é profissional. *Todas* as meninas tem o direito de receber, todas. E os clubes sabem disso, mas eles não exercem. É igual o Sindicato dos Atletas, ele é *Sindicato dos Atletas*, e eu questionei isso: “Você defende só o masculino, ou você defende todos os atletas?” “Eu defendo todos os atletas, masculinos e femininos”. E o futebol feminino, a Lei Pelé diz o quê? A Lei Pelé fala do futebol, então, se ela fala do futebol, ela fala do masculino e do feminino porque se ela falasse só do masculino, ela iria colocar *futebol masculino*. O futebol feminino tem muitos direitos, e nós queremos que eles sejam respeitados.

S.R. – Tu citou que recebeu ajuda de custo para jogar, que recebeu salário, conseguiu tua independência financeira, mas qual foi a tua maior dificuldade em jogar futebol? Tu consegue citar alguma coisa?

M.J. – Eu não consigo ver uma dificuldade, porque eu tive apoio dentro de casa, fui criada no meio do futebol, não tinha essa discriminação, os meus amigos, meus vizinhos, todos jogávamos junto. Eram homens, mulheres, eu fui criada nesse meio, não tinha discriminação. Quando eu saí da minha casa para ir jogar no Radar, às vezes, as pessoas falavam: “Futebol não é para mulher”. Mas na minha cabeça aquilo não me afetava, sabe por quê? A mulher pode fazer aquilo que ela quiser, desde que ela faça bem feito. Eu achava que eu fazia bem feito, então, o que falavam do lado de fora do campo não me atingia, eu não tive esse problema com discriminação, é uma coisa que na minha vida passou batido.

P.J. – A tua carreira teve várias páginas de sucesso, que a gente sempre acompanhou. Se tu pudesses destacar um momento mais marcante da tua carreira, qual seria?

M.J. – Foi quando eu construí a casa para minha mãe, com o dinheiro do futebol.

P.J. – Quando foi isso? Em que clube?

M.J. – Isso eu jogava no Radar, no Rio de Janeiro. Eu sou de família rural, meus pais são rurais, e através do esporte eu consegui dar uma casa para a minha mãe; uma casa que eu sempre sonhei e pude dar uma condição de vida decente para a minha família, através do futebol. Por isso que eu valorizo muito, e o futebol é inclusão social, você pode mudar a vida de muita gente e porque não fazer isso? Temos que fazer isso! Temos, e hoje eu falo no meu cargo¹⁰, tudo que o Ministério puder ele vai fazer. Quando eu cito a CBF as pessoas não entendem, às vezes, as pessoas acham, mas o futebol não vai para frente, porque nós temos uma Confederação que não valoriza o futebol feminino como era para ser valorizado. Eu vou falar porque é a realidade, porque se ela está assim tudo muda e o futebol feminino precisa ser profissionalizado.

P.J. – Michael, quando veio à tua decisão de parar de jogar? Quando foi isso e como tu te sentiu em relação a isso?

M.J. – Essa decisão foi meio complicada, porque eu joguei até os meus quarenta e seis anos. E o meu presidente, que eu joguei no SAAD¹¹, ele era de São Caetano do Sul, depois ele foi transferido para Águas de Lindóia¹². Fui campeã da Copa do Brasil em 2007 que foi a primeira Copa do Brasil que a CBF tinha feito. E todo ano eu falava: “Eu vou parar”. Mas como eu não tive lesões, eu não tenho os joelhos e nem os tornozelos com cirurgia, eu jogava e continuei jogando. Eu treinava com meninas mais novas e nunca chegava por último [risos], aí eu falava: “Opa! estou bem então”. Se elas com dezessete anos e eu estou acompanhando, estou bem. [risos] E o meu presidente ele gostava, *muito*, do meu futebol. E ele sempre falava: “Michael, porque você vai parar?”, e eu falei: “Mas eu preciso traçar outros objetivos, porque no futebol eu já atingi todos, então, eu preciso sair para dar a vaga para outra menina que vai vir, que vai ter sonhos de vestir a camisa da seleção, que vai ter sonhos no futebol, e como atleta eu não vou ter

¹⁰ Coordenadora do Futebol Feminino do Ministério do Esporte

¹¹ SSAD Esporte Clube, Equipe de Futebol de São Caetano (SP)

¹² Município de São Paulo

mais”. Não é fácil, dentro da minha casa eu tenho um campo, *society*, mas eu tenho [risos], tenho um campinho que eu sempre acordo de manhazinha e vou bater bola sozinha. É uma paixão que está no sangue, e acho que só vou parar de jogar futebol quando eu não tiver mais condições de andar [risos], já vou estar com uns cento e cinquenta anos [risos].

S.R. – Então tu parou de jogar, tomou essa decisão e como é que tu chegou no Ministério do Esporte?

M.J. – Eu parei de jogar em 2002, o Ministro do Esporte hoje, o senhor Aldo Rabelo, enquanto era deputado federal, a gente sempre conversava sobre futebol, às vezes, eu ia ao escritório dele em São Paulo, ficávamos falando sobre futebol feminino, porque muitas coisas a gente não entendia. Ele me perguntava: “Mas porque o futebol feminino não é profissionalizado? Mas por que não temos campeonatos? E por que não temos campeonatos em todos os estados?” A gente conversava muito, então ele dizia: “Mas isso não pode acontecer, o que a gente pode fazer?” E ele nem pensava em ser ministro, e quando aconteceu dele ir para o Ministério do Esporte, com duas semanas que ele tinha assumido, ele pediu para eu ir até Brasília, e pediu para eu mandar currículo. Eu falei: “Nossa, agora que ele virou ministro, tenho que mandar até currículo para falar com ele”. E fui até Brasília cheguei para a secretária: “O que está acontecendo?” E ninguém me falava, e aí ele me chamou no gabinete dele e me falou: “Michael, você aceita colocar aquelas ideias nossas, e vir me ajudar aqui no Ministério do Esporte?” Ele criou o meu cargo porque não existia. Não existia o futebol feminino dentro do Ministério, ele criou, e hoje eu estou lá trabalhando com ele. Ele não me chamou depois que ele foi para o Ministério, era uma pessoa que já gostava, quando ele assumiu o cargo ele pensou: “Agora nós podemos colocar aquelas ideias em prática”. Ele é uma pessoa maravilhosa, uma pessoa que realmente quer a evolução do futebol feminino, tanto que, quando têm competições, eu sempre chamo ele para ver as finais e assistir alguns jogos e ele sempre vai, sempre dá um jeito e vai assistir. É uma pessoa que vai ajudar muito o futebol feminino, por quê? Porque ele gosta e não tem interesse nenhum, então, isso é legal, é uma pessoa que está ali e disse: “Vamos fazer!”. Nunca disse: “A gente pode fazer? Vamos fazer!” Acho que o futebol feminino hoje foi para dentro do governo, não tinha política, não tinha nada, e nós estamos tentando criar políticas públicas para o futebol feminino, porque amanhã eu posso não estar mais no Ministério,

quem entrar tem que fazer, a gente está pensando em todos os detalhes. O Ministério sozinho, não resolve a situação do futebol feminino, porque nós temos uma Confederação, então, a gente tem que procurar parceiros para que se fortaleçam essas parceiras e aí gente vai ter que chegar aqui na CBF e a CBF vai ter que resolver, porque no século XXI não dá mais para o futebol feminino continuar desse jeito, com esse descaso no Brasil, sendo o país do futebol.

P.J. – Michael tu esteve dos dois lados, como jogadora e agora como gestora. Qual a relação da CBF com a jogadora e a relação da CBF com a gestora, como tu vê isso?

M.J. – Como atleta, a CBF falava e eu obedecia; como gestora nós podemos discutir ideias, eu falo o que penso e eles falam o que pensam, eu discordo e eles discordam, até a gente chegar a uma solução.

S.R. – Tu citou ontem um Centro de Excelência que o Ministério do Esporte está querendo fazer a partir de dezembro para o futebol feminino. O que seria esse Centro de Excelência?

M.J. – Vai ser construído em Foz Iguaçu e será o primeiro Centro de Excelência do futebol feminino. Foi feito através da Lei do Incentivo, vai ser construído no Parque Tecnológico de Itaipu. A propriedade é do governo e o espaço que existe lá, cabia um Centro de Excelência para o futebol feminino, porque nós não temos. Então o Ministério pensou que o futebol feminino precisasse ter uma casa, e esse Centro de Excelência é para todas as equipes do Brasil, e pode também ser usada pelo Paraguai e pela Argentina. Todos vão poder usar, vai existir um projeto social no Centro de Excelência. Ele foi pensado para o futebol feminino, o carro chefe é o futebol feminino, terá duas piscinas, duas quadras poliesportivas, porque com isso você pode ter futsal, handebol, basquete, vôlei, uma pista de atletismo, quer dizer, o carro chefe é o futebol feminino, mas algumas modalidades terão também essa oportunidade se der eu vou colocar todas as modalidades lá, mas precisamos começar a construir. O ministro foi e acompanhou, para colocar a pedra fundamental para a construção do Centro de Excelência e agora o Parque Tecnológico de Itaipu está arrecadando os recursos para começar a construção em dezembro e o prazo para ficar pronto é até 2016. Então já é outro avanço para a modalidade porque o futebol feminino precisa disso, precisa de

alguém que faça, e realmente faça não por obrigação, faça porque a modalidade merece. A sua equipe aqui do Rio Grande do Sul, Pelotas, no caso, vai disputar uma Copa Libertadores, ela tem o direito de ficar lá fazendo a preparação, vai ter alojamento, vai ter academia, vai ter piscina, fisioterapia, vai ter tudo o que uma atleta precisa. Você vai para lá e você só vai pensar na competição, e isso pode ser usado pela Seleção Brasileira, mas não é exclusivo, *é do futebol*, então quem quiser pode usar.

S.R. – O que a gente conversou aqui, tu conseguiu conquistar o teu sonho como jogadora, que de repente era de dar uma casa para a tua mãe, de disputar milhares de competições, de chegar ao topo na maioria delas, de vestir a camiseta do Brasil, de representar o Brasil fora do país, mas e agora como gestora como coordenadora do futebol feminino no Ministério do Esporte. Qual é o teu sonho?

M. J. – Meu Sonho é ver o futebol feminino virar realidade, que tenhamos campeonatos em todos os estados, e que as meninas possam realmente jogar futebol porque gostam e possam fazer do futebol feminino uma profissão e que para isso recebam um salário, que seja profissionalizado.

P.J. – Gostaríamos de te agradecer pela entrevista e o colocar o Centro de Memória também a disposição, para parcerias e para desenvolver novos projetos e no que pudermos contribuir.

M.J. – Eu que agradeço esse espaço, porque esse espaço é do futebol feminino e isso é muito legal. Porque ter vocês pensando também na modalidade e através dessa entrevista que possam surgir outras propostas para melhorar o futebol feminino, do que foi para o que é hoje.

[FIM DA ENTREVISTA]